

MEMÓRIA ESCOLAR NA LITERATURA BRASILEIRA: TEXTOS E CONTEXTOS

SCHOOL MEMORY IN BRAZILIAN LITERATURE: TEXTS AND CONTEXTS

Josineia Sousa da Silva¹

 0000-0003-3385-0741

Enviado em: 08/09/2024

Aceito em: 10/10/2024

Publicado em: 09/11/2024

RESUMO: Este estudo de caráter bibliográfico-documental e matriz histórico-cultural pretendeu elencar apropriações, representações e diferentes modos constituintes da memória escolar inscrita em textos da Literatura brasileira. Tratou-se de uma intentada busca por conhecer a memória escolar que atravessa a produção literária brasileira em seus diferentes textos, tendo em vista os tempos de escola como um período peculiar à vida do leitor literário. Metodologicamente, visitamos diferentes acervos literários e bancos de dados de pesquisas digitais e periódicas e, complementarmente, lançamos mão de uma pesquisa por meio de questionário produzido especificamente com a finalidade de conhecer os textos literários de que os sujeitos com formação universitária se lembram quando se recorta o processo de escolarização. Para tanto, adotamos um referencial teórico pertinente à História Cultural e, em particular, ao pensamento de Roger Chartier e Ecléa Bosi. Como resultado, refletimos acerca das memórias escolares submersas na Literatura brasileira evidenciando uma pequena parte, daquilo que acreditamos ser um *corpus* rico e fecundo, capaz de contar, em grande medida, questões históricas sobre o processo de escolarização no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Memória escolar. Escolarização Literária. História da Educação. Escola.

ABSTRACT: This bibliographic-documentary study with a historical-cultural matrix intended to list appropriations, representations and different constituent modes of school memory inscribed in texts of Brazilian Literature. It was an intentional search to understand the school memory that permeates Brazilian literary production in its different texts, considering school times as a peculiar period in the life of the literary reader. Methodologically, we visited different literary collections and digital and periodic research databases and, in addition, we used research using a questionnaire produced specifically with the purpose of knowing the literary texts that subjects with university education remember when cutting the schooling process. To this end, we adopted a theoretical framework pertinent to Cultural History and, in particular, the thought of Roger Chartier and Ecléa Bosi. As a result, we reflect on the school memories submerged in Brazilian Literature, highlighting a small part of what we believe to be a rich and fruitful corpus, capable of telling, to a large extent, historical questions about the schooling process in Brazil.

KEYWORDS: Brazilian Literature. School memory. Literary Schooling. History of Education. School.

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Introdução²

Essa pesquisa veicula-se ao projeto *Literatura e Educação - entre livros, leituras e leitores* que abrange o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa *Literatura e Educação* e estudos teóricos sobre livros, leitura e leitores, no bojo de inter-relações entre literatura e educação no contexto brasileiro dos séculos XX e XXI. Assim, relaciona-se também às discussões correntes no Grupo de Pesquisa em questão que, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Amélia Dalvi e participação de diferentes estudantes, de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, desde 2011, vem empreendendo diferentes análises atravessadas ou não por práticas escolares ou escolarizadas, no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

O vínculo estabelecido se dá na medida em que este estudo inscreve-se na relação entre Literatura e Escola e dialoga com as contribuições da História Cultural (Peter Burke, 2008; Carlo Ginzburg, 2006); com o pensamento do historiador francês Roger Chartier (1990; 2003; 2004; 2007; 2010), o qual versa sobre uma História Cultural pensada de modo complementar a partir das práticas, apropriações e representações; com contribuições de Ecléa Bosi (1987), e outros autores que pensam a memória como um trabalho histórico. Estas mesmas referências, corroboram para discussões correlatas às relações dos sujeitos leitores com os livros e a leitura no contexto de culturas do escrito, da escola, e da Literatura brasileira.

Para uma descrição geral do tema de estudo, sublinhamos algumas acepções da palavra *Memória* que, de acordo com Cunha (2013), deriva-se do lat. *memoria*, de *memor* - *oris* 'que se lembra', relacionado com *meminisse* 'lembrar-se'. Trata-se de uma compreensão diretamente associada à lembrança, reminiscência. Com efeito, especialmente, no tocante à *Memoria Literária*, figura também: no dicionário Houaiss,

1. faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos <uma m. boa ou má> [...] 3. aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência [...] 5. exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; relato, narração..." (HOUAISS, 2009, p. 1271).

E, no Aurélio, "1. Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente [...] 2. Lembrança, reminiscência, recordação [...] 5. Relação, relato, narração [...] 8. Vestígio, lembrança, sinal..." (FERREIRA, 1999, p. 1315).

²Este texto sintetiza resultados de pesquisas desenvolvidas durante dois anos junto ao grupo de pesquisa "Literatura e Educação" - (<http://www.literaturaeducacao.ufes.br/>). Mais especificamente, por meio de atividades de formação e orientação vivenciada pela autora sob a orientação da professora Dra. Maria Amélia Dalvi no âmbito de Programa de Iniciação Científica, contemplado por bolsas concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo.

São definições que dialogam e muito se aproximam do nosso foco de análise por destacar um modo de produção narrativo por meio da exposição escrita associada ao ato de lembrar. Para Walter Benjamin, a reminiscência e a recordação estão diretamente ligadas à produção escrita da prosa romanesca em forma de narrativa. Para ele, esta, “[...] que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIM, 1936, p. 228).

No entanto, em se tratando de uma busca por compreender melhor a memória escolar na Literatura brasileira, considerando-a como uma fonte de construção historiográfica, leva-se em conta também a noção de *Memória Literária*, descrita como uma “[...] espécie do gênero autobiográfico, na qual um homem conta sua própria vida aos outros homens” (FARIA, 2008, p. 491). E, por não nos restringirmos a uma exploração sobre o gênero autobiográfico ou biográfico e, sim, a diferentes gêneros literários em um sentido mais amplo, corrobora Moisés (2013) assinalando que:

[...] as memórias distinguem-se por constituir um relato na primeira pessoa do singular que visa à reconstrução do passado, com base nas ocorrências e nos sentimentos agravados na memória, segundo as duas formas (a voluntária e a espontânea) que pode assumir [...] o andamento narrativo decorre com a apreensão de experiências julgadas relevantes por parte do autor, não apenas como testemunho de uma existência marcada por episódios pitorescos e incomuns, mas também das impressões que os outros lhe deixaram na memória (MOISÉS, 2013, p. 289).

Assim, haja vista a narrativa literária como fonte de investigação, nesse trecho Moisés (2013) evidencia as possibilidades de registro resultantes, tanto das experiências vividas pelo próprio autor quanto das impressões deixadas por uma memória social; ao que podemos vincular às considerações de Le Goff (2013) concernente à memória coletiva, sobre a qual é categórico em afirmar: “[...] a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (p. 435).

Por outro lado, em se tratando de um contexto teórico em que a linguagem também é vista como uma forma de ação social e histórica, o dizer, seja como forma de lembrança, seja como memória narrativa, também constitui a realidade. Isto posto, ao discernir a terminologia *Tipo e Gênero textual*, Marcuschi (2010) parte do pressuposto básico de que “[...] é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. (p. 22). Para o autor, “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. E desse modo, entende que, como ação sociodiscursivas, os gêneros textuais agem sobre o mundo, dizem o mundo e, de algum modo, o constitui. No nosso caso, vislumbra-se no gênero memória literária, um universo de acontecimentos no espaço escolar, por meio das narrativas memorialísticas textuais.

Com efeito, ainda em vias de descrição geral do tema de estudo, torna-se pertinente a perspectiva histórico-cultural em que mobiliza um olhar multi e

interdisciplinar nos diferentes espaços e, no nosso caso, corrobora para situar, para além da dimensão estética, a escola figurada em textos literários por meio do trabalho de diferentes gerações de escritores. Pensamos que os textos literários sejam não apenas uma “fonte fecunda” (FERREIRA, 2011), mas objetos que permitem que os pesquisadores coloquem questões sobre a educação diferentes daquelas permitidas por pesquisas que tomam documentos oficiais, cadernos escolares e outros materiais análogos: isso porque os textos literários possibilitam a seus autores uma produção mais livre dos protocolos próprios às instâncias oficiais e às práticas ordinárias da escola – e, portanto, possivelmente mais nuançada e crítica.

Particularmente, trabalhamos com uma antologia intitulada *Tempos de escola*, organizado pela Boa Companhia (2015), composta de contos, crônicas e memórias de diferentes estilos e linguagens. Nesta, gerações de escritores fazem da escola um tema comum e contrastante. Além disso, ao mesmo tempo em que marca as experiências da maioria dos sujeitos na primeira infância, a escola, mediante as narrativas, também se particulariza por meio das lembranças e representações dadas em cada prosa.

Assim, retomamos à Ecléa Bosi (1987) por fazer lembrar que o narrador se inscreve nas histórias que conta. E não são poucos os autores que evidenciam a instituição de ensino como um elemento de suas narrativas literárias inscritas em uma história. Para citar apenas alguns escritores da Literatura brasileira que constroem diferentes narradores nesse espaço, da infância à idade adulta, temos: Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Moacyr Scliar, Bartolomeu Campos de Queirós e tantos outros que, por meio de suas produções poéticas e prosaicas, acrescentam, ao imaginário dos leitores, as experiências de uma escola atravessada pela memória individual e social de que eles mesmos participaram. Bosi (1987), ao retomar Walter Benjamin sobre a arte de narrar, afirma: “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam” (BOSI, 1987, p. 43).

Nesse sentido, Roger Chartier (2010) nos desperta para a importância de “escutar com os olhos” as nuances que perpassam a história do livro, a história dos textos, a história da cultura escrita num curso das práticas do escrito as quais, diante da modernidade, reinventam-se discretamente às nossas percepções. Portanto, para o autor, é por isso que devemos ter o cuidado de “[...] sempre associar, numa mesma análise, os papéis atribuídos ao escrito, às formas e suportes da escrita, e as maneiras de ler” (ROGER CHARTIER, 2010, p. 8).

Assim, consideramos de grande relevância estarmos atentos à produção escrita literária em correlação os protocolos de leitura, os textos e contextos, às escolhas discursivas ideológicas e às descrições representativas, no nosso caso, investigando atentamente a memória escolar inscrita em textos da Literatura brasileira. E, para tanto, recuperamos também uma ponderação de Ginzburg (2006) em que coloca em xeque a discussão sobre a história da escrita, as escolhas discursivas, os espaços e os tempos. Para ele: “uma posição totalmente cética com

relação às narrações históricas não tem fundamento [...] a memória e a destruição da memória são elementos recorrentes na história” (GINZBURG, 2006, p. 226-227).

Com efeito, diante das considerações elencadas nos questionamos: Quais são as memórias escolares submersas na Literatura brasileira? Em que medida importa trazer à tona esses registros literários e se, de submerso, voltassem, o que eles teriam tanto para nos contar? Na nossa pesquisa, em paralelo a alguns dados coletados por meio de questionário próprio, nos dedicamos a alguns textos e autores constantes da coleção *Tempos de escola*, pensados como “fonte fecunda” para nossas investigações.

Considerações teórico-metodológicas

A partir dos nossos questionamentos, objetivamos de modo geral dá a ver diferentes apropriações, representações e modos sócio e historicamente constituintes da memória escolar inscrita em textos da Literatura brasileira, mormente aqueles da coletânea *Tempos de escola*, e dos evidenciados por meio de questionário próprio. De maneira mais específica pretendemos: a) Vislumbrar diferentes concepções da escola correlacionada à produção literária nos seus contextos Sócio Histórico e Histórico-Cultural; b) Mapear diferentes práticas, representações e apropriações memorialísticas imbricadas no levantamento dos textos encontrados; c) Refletir sobre a memória escolar no âmbito da Literatura Brasileira, especialmente no que concerne à leitura, à literatura, à leitura literária e a formação do leitor; e, d) Inventariar um corpo bibliográfico documental que esteja à disposição de outros pesquisadores.

Com base na revisão bibliográfica e nas concepções de André (2008), a qual infere sobre a importância das relações entre o mundo real e o sujeito, as interdependências entre sujeito e o objeto, bem como o vínculo indissociável entre a objetividade e a subjetividade de cada indivíduo; adotamos para a análise de dados a abordagem qualitativa de pesquisa dotada de pressupostos contrários a modelos experimentais, de modo convergente à revisão bibliográfica-documental balizada pelo pensamento de Roger Chartier, de perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural, a qual “[...] tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Assim, além da coletânea *Tempos de escola* já apresentada, inventariou-se nessa pesquisa, como suporte de coleta de dados: a produção e aplicação de um questionário com doze perguntas amplamente divulgado por meio das ferramentas do *Google*; pelos programas de Pós-Graduação dos cursos de mestrado e doutorado de Letras e Educação da Ufes; no Grupo de Pesquisa Literatura e Educação; por intermédio do Colegiado de Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Ufes - entre estudantes, professoras e professores, a fim de aprimorar os resultados objetivados; e, em conjunto, efetuamos buscas variadas no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Google Acadêmico e na SciELO (*A Scientific Electronic Library Online*).

Metodologicamente, levamos em conta a noção de *Fonte fecunda* em que, no tratamento da fonte literária para uma pesquisa, “[...] os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo” (FERREIRA, 2011, p. 61). Com isso, a metodologia de análise em consonância com as orientações de Bauer e Gaskell (2013), pautou-se na leitura e apreensão dos textos encontrados (estudo compreensivo a partir de fonte bibliográfica) com a sistematização por destaques principais no tocante às temáticas memorialísticas escolares no âmbito da Literatura Brasileira, da leitura, literatura, leitura literária e da formação do leitor.

Do ponto de vista procedimental, no lócus de pesquisa a que nos dedicamos, os dados produzidos foram organizados em quadros, tabelas e em textos sincréticos (com recurso às linguagens verbal e visual) e foram analisados qualitativamente, a partir das perspectivas teóricas já elencadas.

Com efeito, para esse espaço de apresentação de dados, tendo em vista o limite de exposição, restringimo-nos a difundir apenas alguns dos dados coletados por meio do questionário em paralelo ao conteúdo literário da coletânea de contos, crônicas e memórias *Tempos de escola*, sem abrir mão da seriedade e do cumprimento dos objetivos primários apresentados no início desse estudo. E, com isso, todos os dados inventariados no questionário e quaisquer outros resultantes das buscas em diferentes acervos literários, bancos de dados de pesquisas digitais e periódicas serão expandidos em artigos futuros para submissão em periódicos e, oportunamente, também expostos no sítio eletrônico do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação a que este estudo se vincula.

Uma leitura dos dados produzidos

Na busca por outras pesquisas comuns ao tema deste estudo nas diferentes bases de dados bibliográficas já citadas, por meio dos descritores "memória escolar" and "literatura brasileira"; "história" and "memória escolar"; e, com a frase toda: "memória escolar na literatura brasileira"; "História da memória escolar"; em especial, quatro trabalhos recuperados se aproximam, em grande medida, do tema de abordagem em questão, ainda que estes não evidenciem o mesmo *corpus* de estudo aqui delimitado.

O primeiro, intitulado *Memórias literárias como um gênero textual no ensino da escrita*, de Köche e Boff (2009), caracteriza para fins didáticos, o gênero memórias literárias em correlação às teorias sobre gêneros textuais e possíveis aplicabilidades no ensino de leitura e escrita, possibilitando ao estudante o resgate, o registro e o descobrimento de histórias de vida de antepassados, de sua comunidade, e de personalidades anônimas ou importantes. E, desse modo, indo ao encontro de nossa

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

preocupação em situar o texto e o contexto teórico-crítico em que a linguagem também é vista como uma forma de ação social e histórica, produtora de realidade entre os sujeitos.

Em paralelo, Sousa (2005), em um segundo trabalho, entrecruzando estudos do campo da história e literatura, recupera obras caracterizadas pelo gênero memória literárias. Por meio dessas, algumas também citadas pelos respondentes do nosso questionário, a autora examina diferentes fontes para a recuperação de memórias concernentes a escola (relatos autobiográficos de professoras, relatos de alunos masculinos, escrita de diários). Com isso, evidencia práticas escolares desenvolvidas em diferentes tempos e espaços constituintes de uma história da educação.

Em convergência aos dois trabalhos citados, Nunes (2003) reforça, de um terceiro modo, o uso do gênero memória compreendida como texto e objeto de estudo da história, reunindo algumas reflexões sobre o papel da memória na produção da pesquisa e do ensino. E nesse percurso de referências, o quarto trabalho conta *Uma história da formação do leitor no Brasil* (SILVA, 2009), em que se encontra uma rica produção bibliográfica a respeito da obra *Infância*, de Graciliano Ramos. Por meio de um diálogo interdisciplinar, a autora do trabalho dá a ver o processo de formação do leitor inscrito na narrativa literária em correlação às teorias de aquisição da leitura destacando a materialidade da obra, as práticas escolares imbricadas no texto literário, e um percurso histórico educativo de um leitor e escritor da cultura brasileira.

Estando estas ou não imbricadas às narrativas literárias, são pesquisas significativas, já que demonstram o interesse comum pela memória escolar. Além disso, produzem suas investigações a partir de diferentes metodologias, recorte de estudos e abordagens no âmbito da Literatura brasileira, da leitura literária e da formação do leitor, seja, evidenciado por meio de estudos dos gêneros textuais, a partir da literatura e história, seja mediante obras literárias consagradas, como a de Graciliano Ramos, por exemplo. Entretanto, todas essas estão, em comum, situadas no espaço da escola.

Em complementação aos dados, considerando as narrativas literárias em questão, sob a ótica de Walter Benjamin, em que “[...] a reminiscência, musa do romance, surge ao lado da memória, musa da narrativa” (BENJAMIM, 1936, p. 228); entre reminiscências, memória e narrativas literárias, no que concerne à coletânea *Tempos de escolas*, podemos ver de modo sintético, por meio da Tabela 1, a memória escolar na Literatura brasileira atravessando um longo período no curso das narrativas literárias, do ano de 1840, data em que situa a narrativa do tão lembrado *Conto da escola*, de Machado de Assis, até 2013, ano em que foi publicado o livro *Nu de Botas* (Companhia das Letras), no qual se inscreve protocolarmente a crônica mais recente da coletânea aqui estudada, conferindo-lhes, entre uma publicação e outra, uma distância temporal de até 173 anos.

Quadro 1. *Tempos de escola: contos, crônicas e memórias – apresentação geral*

Autor	Título da narrativa	Ano - referência
Machado de Assis	Conto da escola	1840 – Narrativa. “O ano era de 1840”.
	O caso da vara	1850 – Narrativa. “Foi antes de 1850”.
Olavo Bilac	Nova carta de ABC	1908 – Correio Paulistano.
	Infância macambúzia	1908 – Gazeta de notícias.
Lima Barreto	O filho da Gabriela	1906 – Cotejado a partir da 1ª ed. de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> .
Carlos Drummond de Andrade	A escola perfeita	[1981]. Crônicas retiradas do livro <i>Contos Plausíveis</i> (Companhia das Letras).
	Diálogo filosófico	
	Novo dicionário	
	Essas meninas	
	Poder da etimologia	
Otto Lara Resende	Namorado morto	[1957]. Conto retirado do livro <i>Boca do inferno</i> (Companhia das Letras).
Moacyr Scliar	Conspiração	[1995]. Conto retirado do livro <i>Contos Reunidos</i> (Companhia das Letras).
Sérgio Sant’anna	A aula	[1997]. Conto retirado do livro <i>Contos e Novelas Reunidos</i> (Companhia das Letras).
Antonio Prata	Ca Ce Ci Co Çu	[2013]. Crônicas retiradas do livro <i>Nu de Botas</i> (Companhia das Letras).
	Senhor da chuva	
	Pela janela	
Fabrizio Corsaletti	King Kong e cervejas	[2008]. Conto retirado do livro <i>King Kong e cervejas</i> (Companhia das Letras).

Fonte: Sistematização da pesquisadora.

Nota-se um percurso temporal de diferentes gerações de escritores preocupados com variados assuntos acerca da memória escolar. Temáticas memorialísticas escolares no âmbito da Literatura brasileira, da leitura, da leitura literária e da formação do leitor empenhadas em narrar desde práticas seminaristas de ensino que perpassam o ambiente de formação do leitor, evidenciadas por Machado de Assis (1840; 1850), a minúcias (com)textuais e a complexidade da linguagem, das palavras e do signo presente na escrita, por Antonio Prata (2013) e, por alguns outros autores apresentados em destaque.

Machado de Assis, em o *Conto da escola* (1840) e *O caso da vara* (1850), situados temporalmente à luz da própria narrativa, apesar de retratar casos de personagens distintos, recuperando o lugar de formação (a escola e o seminário), destaca temáticas memorialísticas comuns: à severidade dos mestres, à clausura, à repressão, à penalidade com castigos aos alunos/aprendizes e à vontade de manter-se fora dali. São práticas de formação escolar evidenciadas tanto pelo personagem do *Conto da escola*, sobre o qual o narrador admite “Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulando o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios...” (ASSIS, 2015, p. 13), quanto pelo estudante Damião, personagem central de *O caso da vara* (1850) que, fugindo do seminário implora por salvação a uma conhecida “[...] pelo que a senhora tiver de mais sagrado, [...] salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

casa” (ASSIS, 2015, p. 25). Tanto um quanto o outro, confessam o desgosto que lhes davam o lugar de formação.

Nesse contexto temporal em que situa a narrativa, do ponto de vista da história da educação, em uma periodização preliminar das Ideias Pedagógicas no Brasil, Saviani (2013) expõe a coexistência entre as vertentes religiosas e leigas da pedagogia tradicional, marcadas também pelo ecletismo, liberalismo e positivismo, em que predominava o Método Mútuo de Ensino. Segundo o autor, “O método supunha regras predeterminadas, rigorosas disciplinas e a distribuição hierarquizada dos alunos sentados em bancos dispostos num salão único e bem amplo.

De uma extremidade do salão, o mestre, sentado numa cadeira alta, supervisionava toda a escola” (SAVIANI, 2013, p. 128). Além disso, o crítico acrescenta que, como escola de primeiras letras os elementos consagrados ao currículo fundamental da época eram a leitura, a escrita, a gramática da língua nacional, as quatro operações de aritmética, noções de geometria, e a igreja católica como religião oficial. Pelo que à voz do narrador/aluno do *Conto da Escola* reclama, “[...] meu pai [...] sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com elementos mercantis, ler, escrever e contar...” (ASSIS, 2015, p. 11). Não obstante, avançando à narrativa, complementa e ratifica as práticas de leitura e aprendizagem, “E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos” (ASSIS, 2015, p. 13).

De outro modo, Olavo Bilac em seus dois contos *Nova carta de ABC* e *Infância macambúzi* (1908), denuncia a falta de escolas, o governo e o número elevado de analfabetismo instaurado no Brasil da época. Ao narrar em a *Nova carta de ABC* o caso de um menino de seis anos que aprendeu a ler, por si mesmo, por meio dos programas dos ditos cinematógrafos, manifesta-se: “Em um país como o nosso, que conta na sua população (horror inconfessável) 70% de analfabetos, tudo quanto possa concorrer para remediar essa desgraça deve ser acolhido com entusiasmo” (BILAC, 2015, p. 35). Complementarmente, em tom melancólico, o autor narra alguns acontecimentos da semana incluindo aquele que indicia o título da narrativa, esclarecendo: “Fomos todos criados para gente macambúzia, e não para gente alegre [...] Os nossos avós e os nossos pais davam-nos a mesma educação que haviam recebido: cara amarrada, palmatória dura, estudo forçado, e escravidão prematura à estupidez das fórmulas, das regras e das hipocrisias” (BILAC, 2015, p. 38).

Carlos Drummond de Andrade, em suas crônicas, notabiliza com humor, ironia e entre trocadilhos o professor que se coloca como figura superior ao aluno (em um *Diálogo filosófico*) e os moldes dos manuais escolares produzidos por mestres e editores. O autor ironiza em o *Novo dicionário*, os usos etimológicos e suas diferentes acepções parciais e discutíveis por meio das pesquisas, sempre em mudanças; em o *Poder da etimologia*, e, de maneira não menos precisa, com tom de chiste, apresenta *A escola perfeita*, em que é colocada toda a responsabilidade do ensino das mãos dos pais para as dos filhos e, assim,

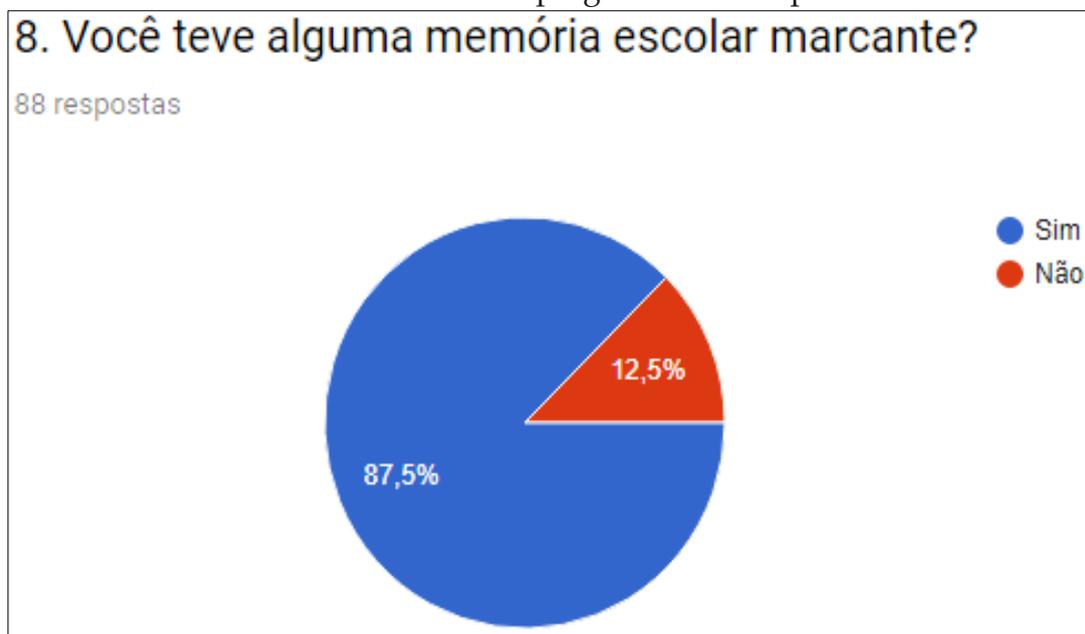
“[...] pais e filhos chegaram à conclusão que melhor fora transformar o estabelecimento, já então sem sede fixa nem necessidade de tê-la, numa escola natural de coisas, em que tudo fosse objeto de curiosidade, sem currículo, e surgiu a escola da natureza, sem mestres, sem alunos, sem decreto, sem diploma, onde todos aprendem de todos na maior alegria e falta de cerimônia...” (DRUMMOND, 2015, p. 62).

São destaques memorialísticos que à luz da literatura, fortalece a ideia de que as memórias constroem uma história. Para Nunes (2003), “Os códigos desse universo transparecem na definição de um espaço que lhe é próprio, no uso do tempo, nas regras disciplinares, nas vestimentas específicas e numa pluralidade de objetos” (NUNES, 2003, p. 137). Além disso, em uma leitura mais detalhada das narrativas, corroborando as observações da autora, verifica-se uma representação de lembrança do espaço escolar, na maioria dos casos, correlacionada com o entorno, com o trajeto que leva da casa à escola, com os percursos de descoberta e manipulação, as aventuras e perigos, as brincadeiras e os inúmeros desafios no processo de formação do leitor.

Desse modo, avançando para a exploração dos dados do instrumento questionário aplicado a um público diverso, foram colhidas 88 respostas a partir de sujeitos de diferentes estados brasileiros dos quais predominou aquelas vindas de residentes do estado de origem da pesquisa (ES), com 68 dos participantes. Do total das respostas 35,2% do público se encontra em uma faixa etária de 29 a 38 anos; 23,9%, a partir de 50 anos; 20,5% de 19 a 28 anos e, o restante, de 39 a 49 anos. O que ratifica o lugar de coleta de dados e indicia uma das particularidades do perfil do leitor respondente.

Das doze perguntas realizadas, perpassando, faixa etária; estado de residência no Brasil; gênero; gral de formação; instituição de ensino e pesquisa em que possui vínculo; autodeclaração sobre ser ou não um leitor habitual na infância e atualmente; memória escolar marcante; recuperação do ambiente escolar; memória escolar na narrativa literária; e, os traços editoriais dos suportes materiais de leitura registrados na memória; destacamos aqui, prioritariamente, aquelas que pontualmente demonstram indícios de uma história presente na vida escolar brasileira, como se pode ver nos gráficos e quadros abaixo.

Gráfico 1. Referente à pergunta oito do questionário.



Fonte: Sistematização da pesquisadora.

Com uma participação afirmativa por 77 dos sujeitos respondentes, o que corresponde a um percentual positivo apresentado no gráfico, considerando a correlação direta entre as respostas seguimos no sentido de dá a ver essa memória escolar, apresentando o quadro a seguir.

Quadro 1. Referente à pergunta nove do questionário - “Descreva com cinco palavras o que sua memória recupera do ambiente escolar”.

1.História. Literatura. Infância. Leitura. Memória; 2. Afeto, carinho, felicidade, alegria, nostalgia; 3.Teatro,conversa, atividade artística, reescrita; 4. Obrigação, prazer, avaliação, parcerias, disciplina; 5. Monteiro; Narizinho; Gulliver; Xisto e Oz. 6. Minha frequência na biblioteca. 7. Poesia, musicalidade, dor, afeto e solidão. 8. Biblioteca, bibliotecária, livros, faixa etária, narrativas. 9. Professores; provas; amigos; hábitos; estudo. 10. Livros. 11. Bibliotecária, escrita, poesia, sarau, amigos. 12. Leituras, Biblioteca, Novidade, Livros, Histórias. 13. Amigos conforto brincadeiras competições aprendizado. 14. Alvorço; Riso; Regras; Amigos; Conhecimento. 15. Ambiente de aprendizagens, amizades, risadas. 16. Bons professores de português. 17. Divisão de classes, pragmatismo. 18. Leitura, descobertas, prazeres, viagens e risos. 19. Paz, amizade, respeito, simplicidade e companheirismo. 20. Livros - colegas - professor - disciplina - conhecimento. 21. Professores não leitores e péssimos mediadores. 22. Desconfiança para com minha capacidade de produção textual, que era relativamente acima da média. 23. Biblioteca, ler durante as aulas. 24. Professores. Livros. Quadro. Giz. 25. Professores tentando falar, alunos conversando. 26. Machado de Assis no Ensino Médio. 27. Aulas de português maravilhosas. 28. Doçura, acolhimento, criticidade e imaginação. 29. Recreio, mentira, lanche, calor, clausura. 30. Um ambiente de grandes realizações. 31. O fim do ensino médio. 32. Leitura prazerosa. 33. Colegas, cadernos, leituras, recreio, biblioteca. 34. Estudo. Livros. Leitura. Amizade. Biblioteca. 35. Teatros e viagens de estudos. 36. A leitura de Erico Veríssimo no Ensino Médio. 37. Compartilhar histórias, memórias, angústias e sonhos. 38. Biblioteca da escola. 38. Eu tinha medo da escola. 39. Leitura em sala de aula, primário; redações. Recitação às 5ª feiras. Brincadeiras no recreio. Aula de ginástica. 40. Do fragmento de um texto "Mas também vi [...], quando a si mesmo enganava supondo que estudava".

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

41. A biblioteca era meu paraíso. 42. Um armário velho, escuro, livros. 43. Bullying, sonhos, matemática, literatura, história. 44. Biblioteca, laboratório de química, jardins, merenda saborosa. 45. Adiantada em relação aos colegas, não avançava. 46. Amigos, professora, aprendizagens, cheiros, inocência. 47. Professora lendo contos de fadas. 48. Comemorações culturais como o folclore. 49. Dramatização, prazer, engraçado, emoção, aprendizagem. 50. Precariedade, pobreza, prédio, professora, merenda. 51. Imaginação do tempo vivido. 52. Um lugar que me colocou em contato com os livros. 53. Leitura, escrita, poesia, oportunidade, gratidão. 54. Respeito aos professores e responsabilidade nos estudos. 55. Amizade, brincadeiras, amores, leituras, aprendizado. 56. Produção teatral a partir das crônicas de Veríssimo. 57. Imagens da sala e as leituras do livro didático. 58. Solidão, distanciamento, foco, leitura, imaginação. 59. Greve, mudança de professor, admiração aos professores, respeito, esforço. 60. Cartilha, histórias, revista capricho, merenda (a falta ou a presença), encontros com os colegas. 61. Mistério, medo, ficção, aprendizado, prazer. 62. Professoras; biblioteca fechada; sorvete; matemática. 63. Minha professora lendo para os alunos. 64. Na 4ª série a professora lia para a turma. 65. Ambiente agradável em que consegui obter êxito durante a maior parte do tempo. 66. alegria, ensinoaprendizagem, leitura, bagunça, amizade. 67. Excelente professora de Língua Portuguesa. 68. Bibliotecas, professores, amigos, merenda, descobertas. 69. Escritores na escola, livro autografado. 70. Início, troca, amizade, emoção, vida. 71. Aprendizado em forma de diversão. 72. Conhecimento, pesquisa, determinação, prazer, prazos. 73. A leitura do livro Memórias de um cabo de vassoura, de Origens Lessa. 74. Rodas de leitura; paródias; teatros; experiências. 75. As leituras dos clássicos de literatura. 76. Literatura. Livros, professora, mediação, leitura, brincadeiras. 77. Leituras, amigos e futebol. 78. Estudo, livro, parquinho, caneta, cheiros. 79. Descaso com os alunos; do ambiente escolar, recordo-me dos livros que eu lia escondida.

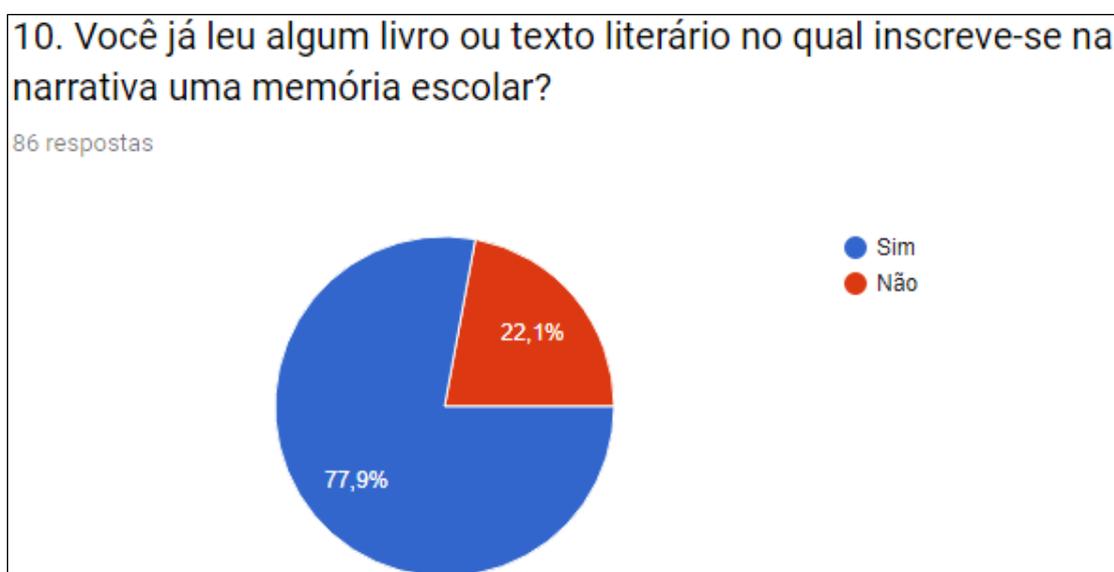
Fonte: Sistematização da pesquisadora.

As declarações perpassam, em sua grande maioria, assim como as memórias inscritas nas narrativas literárias da coletânea *Tempos de escola*, aspectos afetivos dos leitores participantes; o espaço físico da escola e seu entorno; as práticas de leitura (institucionalizadas, compartilhadas, permitidas ou não); os professores, seja por suas práticas de leitura literária em sala de aula, seja por sua representatividade; os materiais didáticos; os diferentes suportes de leitura, ensino e aprendizagem; as dinâmicas pedagógicas de ensino e, dentre outros tantos; tudo declarado entre a ordem ou bagunça, a felicidade ou a tristeza, o rigor ou a brandura, a repressão ou a liberdade, o controle e ou a desobediência; apesar da distância temporal entre o narrado pelos autores literários da coletânea, e o que atualmente pudemos recuperar, as práticas disciplinares e muitas outras ainda estão presentes nas instituições escolares do Brasil, bem como a presença da leitura e da literatura e o modo como essas são acolhidas pela escola, considerando que no quadro a palavra leitura é referenciada 18 vezes e, literatura apenas 4³.

³Retomando os resultados da pesquisa realizada em 2014 sobre a Leitura e a Literatura nos documentos oficiais dos cursos de Letras e Pedagogia, identificamos que: a) o longo período de formulação e que vigoram os projetos dos cursos (Letras Português e Pedagogia) na Universidade Federal do Espírito Santo - 6 e 3 anos respectivamente; b) a ausência de disciplinas dedicadas incisivamente com o ensino da Leitura; c) a inexistência de disciplinas obrigatórias concernentes a Literatura no curso de Pedagogia - dada sua importância; d) a vasta escolha em relação às disciplinas que se ocupam com o ensino e tratamento de materiais didáticos no curso de Licenciatura em Letras

Levando em conta o grau de formação dos participantes: 1,1% Especialista - Latu Sensu; 4,5% Ensino Médio; 9,1% Pós-Doutorado; 12,5% Doutorado; 13,6% Especialização; 15,9% Graduação; 43,2% Mestrado, e; haja vista que 85,2% deste público diverso consideraram-se leitores habituais atualmente, na tentativa de colocar em evidência as memórias literárias produzidas por escritores brasileiros inscritas em diferentes tempos e lugares, e que circulam na vida e na memória de diferentes leitores, apresentamos também suas apropriações em relação a textos já lidos rememorando o espaço da escola.

Gráfico 2. Referente à pergunta dez do questionário.



Fonte: sistematização da pesquisadora.

O percentual em destaque representa um total de 67 respondentes, dos quais, em sua quase totalidade, registraram uma referência narrativa a partir de suas leituras Literárias, como representa o quadro seguinte.

Quadro 2. Referente à questão onze do questionário – “Caso tenha respondido "sim" para a pergunta anterior, cite o nome do livro/texto e autor”.

A Literatura em perigo, Tzvetan Todorov; O Ateneu de Raul Pompeia; A bolsa amarela - Lygia Bojunga; "Conto de escola" do Machado de Assis; O ateneu, ou vários de Lobato e Pedro Bandeira; A droga da obediência de Pedro Bandeira; Meu pé de laranja lima, de José Mauro de Vasconcelos; Clarice Lispector; Uma professora muito maluquinha - Ziraldo; Minha vida de menina, Helena Morley; Conto de escola, Machado de Assis / Poema "O professor", Drummond / Amar, verbo intransitivo, de Mário de Andrade / Poema "O assassino era o escriba", Leminski etc.; O conto "Pirlimpisquice", do livro Primeiras Estórias, e uma parte do início de Grande Sertão: Veredas em que Riobaldo lembra de seus poucos estudos na escola (ambas obras de João

Português. Esse panorama evidencia uma possível insuficiência de abordagem dos temas Leitura, Literatura e Materiais Didáticos sendo esse indispensável na formação de professores.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

Guimarães Rosa). Li também o livro *Infância*, de Graciliano Ramos; *Tistu, o menino do dedo verde*; *Cazuza*, de Viriato Correa, é o primeiro de que lembro. Mais dois: "Tempos de escola - Memórias, v. II", organizado por Beatriz Fischer; "Identidades alfabetizadas", organizado por Iole Faviero Trindade; *Infância*, de Graciliano Ramos; *Mar de dentro / Lya Luft*; *Bolsa Amarela*; *Dom Casmurro*; *São Bernardo*; *Bisa Bia, Bisa Bel*; *Meu pé de laranja lima*; *Depois daquela viagem*, Valéria Piassa Polizzi; *Diário da Queda - Michel Laub*; *Peter Pan*; *Olhai os lírios do campo* (Erico Verissimo), *O encontro marcado* (Fernando Sabino), *Conversa na catedral* (Mario Vargas Llosa); *Não consigo me lembrar o nome do conto sobre escola de Machado de Assis*; *The Catcher in the Rye*, de J.D. Salinger; *D. Casmurro*, de Machado de Assis; crônicas de uma namorada posso te dar meu coração o estudante; *Boitempo*, de Drummond; *Conto de escola*, de Machado de Assis; *O professor*, de Cristóvão Tezza; *Madame Bovary*, Gustave Flaubert; etc; *A viuvinha e o escaravelho do diabo*; *O Ateneu*; A maioria dos textos do Ondjaki; crônicas de Machado de Assis; "O Ateneu", de Raul Pompéia. "Boitempo", de Drummond. "Grande sertão: veredas", de Rosa; *Pretinha, eu?*, de Julio Emilio Braz; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó...*; "Pretinha, eu?"; *Dona Baratinha*; *O ateneu*, de Raul Pompeia; o estudante; *Memórias de um sargento de milícias*; *Manuel Antônio de Almeida*; *Infância - Graciliano Ramos*; *Infância*, Graciliano Ramos; *Diário da queda e O ateneu*; Graciliano Ramos/*Infância*, Gorki/*Infância*, Vivi Pimenta/*Ganymedes José*, *Conto De Escola/Machado De Assis*; *Quando a escola é de vidro*; *A inauguração da escola*, crônica de Maria Maura Brabosa e *O Hino nacional*, crônica de Lúcia Carvalho; *O Cortiço e A Hora da Estrela*; *Nicolau tinha uma ideia*, *O menino do dedo verde*, *A guerra do lanche*; *Um cadáver ouve rádio - Marcos Reys*; *Ateneu*, Raul Pompeia; *Vários trechos de Machado de Assis*; *Reinações de narizinho*; *O conto: Conto de escola*, de Machado de Assis; o romance: *O Ateneu*, de Raul Pompéia; o conto: *Pirlimpsiquice*, de Guimarães Rosa; *memórias póstumas de Brás Cubas*, o pequeno príncipe; *Conto de Escola - Machado de Assis*; *O primeiro do amigo do meu irmão*; *Uma aventura na escola de Magalhães e Alçada*. Poeta (às vezes) de Gonzales; *Dom Casmurro - Machado de Assis*; *O Ateneu*, *Felicidade clandestina*; *Crônicas na sala de aula*; *A Guerra do Lanche - Lourenço Cazarré*. Obs. Li este livro na 5ª série; *A marca de uma lagrima*; *Reinações de Narizinho - Monteiro Lobato*; *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, por exemplo; *As 7 faces da primeira vez*.

Fonte: Sistematização da pesquisadora.

Para efeito de fidelidade às respostas dadas, mantivemos graficamente o modo como estas foram referenciadas por cada participante. São indicações de leituras literárias que corroboram para inventariar um *corpus* bibliográfico documental disponível a outros pesquisadores interessados à temática, bem como significa um volume representativo de uma história da memória escolar na literatura brasileira ainda não sistematizada em uma obra crítica.

Assim, considerando a importância e o valor de todos os dados apresentados para o estudo em questão, como ponto de intercepção destes, merecem destaque as obras *O Ateneu*, de Raul Pompeia, indicado por nove diferentes participantes; o *Conto da Escola*, de Machado de Assis, também repetidamente lembrado, por sete respondentes; e, *Infância*, de Graciliano Ramos, cinco vezes apontada como referencial no âmbito da memória escolar na Literatura brasileira, sendo esta e o *Conto da escola*, narrativas também presentes, ora nas pesquisas bibliográficas, ora na coletânea literária em análise. O que, à luz de nossa perspectiva teórica, vale a retomada de Antonio Candido ao dizer: "A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2014, p. 175). Nesse sentido, os dados aqui apresentados

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

salientam em certa medida, o modo particular de apropriação da leitura literária a partir de diferentes grupos de leitores e, atesta o texto literário como uma Fonte Fecunda para a construção de uma história presente nas instituições escolares de ensino do Brasil.

Considerações finais

Retomando ao objetivo principal, nesta análise intentamos buscar conhecer a memória escolar que atravessa a produção literária brasileira em diferentes textos, tendo em vista os tempos de escola como um período peculiar que atravessa a vida do leitor literário. E, para tanto, a partir do levantamento teórico e bibliográfico, da coletânea *Tempos de escola* e de um questionário aplicado, recuperamos diferentes representações da memória escolar no âmbito da literatura e deixamos à disposição de outros pesquisadores um conjunto de referências textuais que tem o espaço escolar como tema comum às narrativas.

Em vias de conclusão e não de finalização, com o estudo, foi possível refletir acerca das memórias escolares submersas na Literatura brasileira e evidenciar uma pequena parte daquilo que acreditamos ser um *corpus* rico e fecundo capaz de contar, em grande medida, questões históricas sobre o processo de escolarização do Brasil, sobre a vida do leitor na escola e sobre diferentes práticas concernentes à leitura, à literatura e à educação. Assim, os instrumentos de recuperação de dados, serviram como fontes cruciais para demonstrar: 1) a existência de pesquisas sendo desenvolvidas preocupadas com a memória no espaço escolar; 2) a grandeza do volume de obras e autores literários brasileiros que narraram de modo memorialístico a escola e as práticas a ela atinentes; 3) que leitores em suas práticas de leitura, além de guardar uma memória escolar individual, plural e coletiva, recordam diferentes narrativas literárias que se conectam às suas vivências; e, além de tudo, 4) o texto literário como uma fonte compatível e dialógica aos registros históricos sobre a educação no Brasil, dando a ver, como em diferentes tempos e lugares diversos sujeitos se relacionam com suas instituições e vivenciam os processos de ensino e aprendizagem.

Contudo, não restringindo nossas considerações a essas apresentadas, sob uma perspectiva de continuidade deste trabalho, pretendemos expandi-lo a uma pesquisa de doutorado em Educação a fim de compilar, de modo mais aprofundado, diferentes obras literárias em correlação a História das Ideias Pedagógicas no Brasil (SAVIANI, 2013), verificando pontos confluentes e divergentes nesses dois campos, sem perder de vista que, a partir da Literatura, “as escolas também são “celeiros” de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social” (NUNES, 2003, p. 137). O que nos confere, assim como indiciam os textos e os contextos apresentados em dados, a possibilidade de tecer memórias literárias individuais, coletivas e plurais em uma história (do) presente.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. *Escrita de sinais sem mistério*. 2 ed. Salvador, v.1: Libras escrita: 2015.
- BARROS, Ricardo Oliveira. *Como escrever em Libras [livro eletrônico] / Ricardo Oliveira Barros; [ilustrações do autor]*. – 1. ed. -- São José, SC : Ricardo Barros, 2020. PDF.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia Visual na Educação de Surdos – Mudos*. Florianópolis, Tese de Doutorado, 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. O desafio do bilinguismo na educação do surdo: descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética e estratégias para resolvê-la. In: CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. *Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar*. Edição, normalização bibliográfica, revisão, editoração eletrônica: Fernando C. Capovilla. 2005.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIROUX, Henry A. *Theory and resistance in education: towards a pedagogy for the opposition*. South Hadley, MA: Bergin & Garvey, 2001.
- GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. Prefácio de Antonio Cicero.. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOOKS, Bell. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.
- KARNOPP, L. *Literatura Surda*. Texto-base da disciplina de Literatura Visual do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina na modalidade à distância. Florianópolis: UFSC, 2008.
- MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- NUNES, Terezinha. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PEIXOTO, Janaina. *Fases da Literatura Surda Brasileira: períodos, estilos e obras*. IX Congresso Nacional de Educação. Editora Realize, 2023.
- PERLIN, G. T. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 73-82.
- QUADROS, R. M., & Karnopp, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROSE, Heidi. The poet in the poem in the performance: the relation of body, self, and text in ASL literature. In: BAUMAN, H-Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>
Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

- (org.). *Signing the Body Poetic*. California: University of California Press, 2006.
- SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.
- STUMPF, Marianne Rossi; WANDERLEY, Débora Campos. Quem fala português, escreve em português. Quem fala inglês, escreve em inglês. Os surdos: em que língua escrevem? In: *Revista Letras Raras*. v. 5, n. 1, p. 93-107, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/586>. Acesso em: 9 out. 2023.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em libras..* Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.